

Reflexões sobre atitudes de docentes em contextos multiculturais

Maria do Carmo Vieira da Silva¹

Resumo

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de género ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (Paulo Freire, 1996, p. 39-40).

A contribuição para a construção da cidadania é uma das competências que se atribui ao trabalho educativo de cada professor. Contudo, nem todos os docentes se encontram preparados para um trabalho com alunos de origem étnica diferente da sua, construindo imagens distorcidas e generalizadas dos mesmos e encaminhando-os para o absentismo, insucesso e marginalização. Estas são atitudes contrárias à vivência enriquecedora da diversidade em sala de aula e à construção da cidadania multicultural. Partindo de exemplos concretos, recolhidos em escolas do 1º ciclo do ensino básico e do testemunho de um aluno de 9º ano (angolano de nascimento e cabo-verdiano de ascendência), do nosso sistema de ensino, procurar-se-á reflectir sobre essas atitudes docentes e introduzir recomendações para a formação de professores.

*O [professor] de matemática do 8º ano, uma vez, chamou-me barrote queimado. Nessa noite nem dormi. Apeteceu-me furar-lhe os pneus do carro. Ele não ia à bola comigo. Primeiro por eu ser preto, segundo por eu ter bué de dificuldade a matemática. Pá, isto é verdade, não estou a mentir. Há setores bué de racistas, piores que os contínuos e que os guardas aqui da escola.*²

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de género ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (Freire, 1997; 39-40).

Embora, hoje, não se verifiquem situações em que se *queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações...* (idem; 40) – expressões de um racismo flagrante -, não significa, contudo, que a discriminação tenha sido eliminada. Um racismo de formas subtis e institucionais perpassa nas diferentes situações da vida quotidiana, não deixando imune Escola e Professores perante o diferente e, sobretudo, a cor da pele. É a cor negra dos alunos que

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Ciências da Educação.

² Excerto do testemunho de um aluno de dezasseis anos (nascido em Angola e filho de pais cabo-verdianos, estudante do 9º ano numa Escola em Portugal), extraído de um trabalho de Estudo de Caso realizado pelos alunos António Bastos, Paulo França e Ricarda Martin, para a disciplina de Educação Multicultural, leccionada pela autora, no ano lectivo de 2003/2004.

incomoda os docentes, os leva a construir imagens distorcidas e generalizadas dos mesmos, os encaminha para o absentismo, o insucesso e a marginalização, ofendendo a *substantividade do ser humano* e negando *radicalmente a democracia* (*ibidem*).

Como já Tajfel (1982) realçara, todos possuímos conceitos, categorias, mas o que distingue os esquemas categoriais sociais de outros é o conteúdo emotivo, a valorização positiva ou negativa associados às percepções individuais dos grupos sociais. A categorização dos outros surge facilitada pelas características físicas que os indivíduos apresentam, acentuando, deste modo, a aplicabilidade da sua categorização. E quanto mais visíveis forem esses traços (cor da pele, textura do cabelo, traços fisionómicos...) mais salientes se tornam também, acentuando as diferenças entre indivíduos e distinguindo os membros do grupo próprio dos do(s) grupo(s) alheio(s). É com base nesta marcação da diferença que se passa a acreditar que aquilo que o grupo próprio pensa e realiza é bom e moralmente correcto, construindo-se, então, o caminho para o etnocentrismo.

A Escola de hoje é o reflexo de um espaço multicultural amplo, resultante de conquistas ou unificações territoriais, bem como das grandes movimentações populacionais, com motivações variadas, que acontecem por todo o mundo. Como micro-cenário da sociedade, depara-se com situações a que não estava habituada, com constrangimentos que não compreende, com problemas que não sabe resolver. Por conseguinte, o sucesso ou o insucesso da mesma reside, assim, na capacidade de esta reconhecer que as culturas escolares são o produto da interacção entre a cultura «oficial» e as culturas dos alunos que a frequentam, interacção essa que, para além de outras variáveis, passa fundamentalmente pelas relações que se tecem entre professores e alunos. E nem sempre os professores se têm mostrado sensíveis (talvez por desconhecimento) a uma correcta percepção, interpretação e resposta às características apresentadas pelos alunos. Este desconhecimento é susceptível de conduzir à criação de expectativas, atitudes e sentimentos, por parte dos professores, que podem transformar-se, posteriormente, em estímulos para o comportamento dos alunos, confirmando crenças enraizadas nos docentes – *profecia autoconfirmatória*. Significa isto que os professores, ao definirem incorrectamente uma situação e encontrando consistência na acção subsequente dos seus alunos, a tornarão uma realidade.

Estudos por nós realizados sobre as percepções dos professores e os seus padrões de aceitação de alunos de origem africana e de etnia cigana (Silva, 2002), em escolas multiculturais do 1º ciclo do ensino básico do distrito de Setúbal, permitiram obter todo um conjunto de elementos que parecem confirmar a importância da *etnicidade*. Com efeito, os dados recolhidos confirmam, por parte dos docentes, um favorecimento pela positiva das crianças lusas, não só através dos atributos que usam para as caracterizar, como também pelo tipo de situações de comunicação que com elas estabelecem (em maior número, com mais perguntas e menos admoestações).

A análise de conteúdo realizada a entrevistas feitas a professores pôs em evidência a existência de opiniões desfavoráveis em relação aos alunos pertencentes a minorias étnicas,

extensivas às suas próprias famílias. Quando emitem opiniões favoráveis, os docentes nunca se referem aos alunos de etnia cigana e valorizam bastante o empenho dos pais africanos e, sobretudo dos cabo-verdianos, no sucesso escolar dos filhos. Contudo, esta valorização passa pelo facto das crianças já não falarem crioulo em casa (adoptando o português como primeira língua), dos seus pais já não serem analfabetos, serem pessoas abertas à escola, acreditarem nessa mesma escola; ou seja, estarem mais próximos da cultura da maioria até em termos de higiene. As características étnicas dos alunos surgem claramente exaltadas quer através de palavras racistas – *macacos, tição* – quer de expressões desprestigiadas – «*Para aquela escola é que não vou com aqueles negros*», «*Parecem animais*», «*Deus me livre ir para aquela escola com tanta ciganada*».

As marcas da etnicidade (sejam os traços físicos, sejam as maneiras de estar, sejam os valores) apresentam-se como penalizadoras para estes alunos e, de um modo especial, para os negros e, sobretudo, para os ciganos. Indirectamente, acabam também por penalizar as próprias famílias africanas e ciganas, que são «acusadas» de desfavorecidas, analfabetas e desagregadas, pelo que os seus filhos são olhados mais em função destas situações do que das suas reais capacidades cognitivas e afectivas.

Diz-nos Paulo Freire (1997) que *ensinar exige: respeito aos saberes dos educandos; a corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; o reconhecimento e a assunção da identidade cultural; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.*

Quando os professores afirmam que *o tratamento do professor é exactamente o mesmo* e comparam o trabalho escolar de alunos pertencentes a minorias étnicas com o de alunos lusos, não descortinando diferenças, podem correr o risco de equacionar *todos são o mesmo* com *todos são brancos*, valorizando, deste modo, a «superioridade» dos alunos brancos.

Bibliografia

- FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 5ª ed., São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- SILVA, Maria do Carmo Vieira da (2002). «*Discriminatio subtilis*»: *Estudo de três classes multiculturais* (dissertação de doutoramento não publicada). Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
- TAJFEL, Henri (1982). *Grupos humanos e categorias sociais – I*. Lisboa: Livros Horizonte.